

IMIGRANTES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO: VESTIMENTAS COMO SÍMBOLO DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO SOCIAL

Alvanise Rodrigues Silva do Amaral¹

Maria Carolina Garcia²

RESUMO

As imigrantes bolivianas que vivem em São Paulo mantêm o uso das roupas tradicionais como forma de preservar suas raízes culturais e reafirmar sua identidade. É o caso das *cholitas*, cuja presença é marcante, especialmente aquelas que frequentam o espaço boliviano na Praça Kantuta. Esta pesquisa mostra como as vestimentas desempenham um papel crucial enquanto símbolo de identidade e pertencimento social, expressando conexão com as raízes culturais e reforçando os laços com a comunidade de origem. No ambiente da Praça Kantuta, a exposição de produtos típicos bolivianos, como alimentos, vestimentas e artesanatos, destaca a riqueza e diversidade da cultura boliviana. Essa prática promove o entendimento entre as diferentes comunidades em São Paulo, além de contribuir para a valorização da herança cultural boliviana. A pesquisa observa que as vestimentas não apenas refletem a história e tradições das imigrantes bolivianas, mas também influenciam suas interações sociais, resgatam sua identidade, aumentam sua autoestima e senso de pertencimento social em um ambiente culturalmente diverso. Desta forma, ressaltam seu orgulho e o sentimento de estarem na moda.

Palavras-chave: imigrantes bolivianas em São Paulo; Praça Kantuta; vestimenta; identidade; pertencimento social.

ABSTRACT

The Bolivian immigrants living in São Paulo maintain the use of traditional clothing, such as *cholitas*, as a way to preserve their cultural roots and reaffirm their identity. This is the case of the *cholitas*, whose presence is remarkable particularly to those who attend the Bolivian space in Kantuta Square. This research shows how clothing plays a crucial role as a symbol of identity and social belonging, expressing a connection to cultural roots and reinforcing ties with the community of origin. In the environment of Kantuta Square the display of typical Bolivian products, such as food, clothing, and crafts, highlights the richness and diversity of the Bolivian culture. This practice promotes understanding between different communities in São Paulo and contributes to the appreciation of the Bolivian cultural heritage. The research notes that clothing not only reflects the history and traditions of the Bolivian immigrants but also influences their social interactions, revive their identity, increases their self-esteem and sense of social belonging in a culturally diverse environment, and thus, emphasizes their pride and sense of being fashionable.

Keywords: Bolivian immigrants in São Paulo; Kantuta Square; clothing; identity; social belonging.

¹ Mestre em Arquitetura, Urbanismo e Design pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2023). Pós-graduada em Secretariado Executivo pelo Centro Universitário Claretiano de São Paulo (2014). Pós-graduada em Gestão de Negócios pela Universidade Nove de Julho (2010). Pós-Graduada em Comunicação, Arte e Tecnologia pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2006). Graduada em Desenho Industrial pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2002). E-mail: alvaniserodrigues@hotmail.com.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010). Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Especialista em Administração de Empresas pela Faculdade Católica de Administração e Economia (1992). Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (1990).



REVISTA BELAS ARTES

Volume 43, Número 3

Setembro - Dezembro / 2023

ISSN: 2176-6479

INTRODUÇÃO

A presença de imigrantes bolivianas em São Paulo é uma realidade marcante que contribui significativamente para a diversidade cultural e étnica da cidade, especialmente aquelas que semanalmente frequentam o espaço boliviano na zona central de São Paulo, nos entornos da Praça Kantuta, onde está inserida a feira boliviana que leva o nome da praça – Kantuta. Entre os muitos aspectos que definem a experiência dessas imigrantes, as vestimentas desempenham um papel fundamental como símbolo de identidade e pertencimento social. Por meio de suas roupas tradicionais, as imigrantes bolivianas expressam sua conexão com suas raízes culturais, afirmam sua identidade étnica e reforçam os laços com sua comunidade de origem.

Nesse artigo, explora-se o papel das vestimentas como um elemento central na construção da identidade e na integração das imigrantes bolivianas na cidade de São Paulo, destacando os significados culturais, sociais e emocionais associados ao espaço urbano dessa comunidade. Ao analisar o contexto das imigrantes bolivianas em São Paulo, podemos entender como suas vestimentas não apenas refletem sua história e tradições, mas também influenciam suas interações sociais, autoestima e senso de pertencimento em um ambiente culturalmente diverso. A exposição de produtos típicos, como alimentos, vestimentas, artesanatos e música, é uma maneira de mostrar a riqueza e a diversidade da cultura boliviana. Ao trazer elementos autênticos de suas tradições, os bolivianos destacam a importância de sua herança cultural e promovem um entendimento mais profundo entre diferentes comunidades em São Paulo.

MESTIÇAGEM NA FEIRA KANTUTA

Quando encontramos alguém pela primeira vez, estabelecemos uma relação visual, verbal e textual. Não raro, fazemos um julgamento imediato dessa pessoa por meio destes referentes. Componentes como aparência, linguagem corporal e expressões faciais afetam a impressão que causamos. Isso é ainda mais frequente quando analisamos o tipo de roupa que uma pessoa está usando. Pode ocorrer um pré-julgamento classificatório por meio da aparência, descortinando crenças ligadas ao local de origem, por exemplo. Se a pessoa que observamos usa um estilo diferente do

que estamos acostumados a ver naquele espaço urbano, identificamos como sendo de uma cultura específica conforme as informações que dispomos. Isso eventualmente acontece no caso dos africanos, pelo uso colorido das roupas e dos adornos que usam nos cabelos; dos asiáticos, por conta de roupas mais formais; ou mesmo dos povos andinos, pela geometria e colorido dos tecidos que compõem suas vestimentas, suas mantas e seus acessórios.

Dessa forma, quando encontramos mulheres vestindo chapéus ou roupas diferentes e coloridas nas ruas centrais do Pari e do Brás, identificamos tais mulheres como Bolivianas, *cholas*³ bolivianas, ou apenas *cholitas*. As *cholas* são mulheres de ascendência indígena e mestiça que trazem consigo uma significância fundamental para a cultura boliviana, e que por muitos anos sofreram algum tipo de discriminação e preconceito, sendo o uso da palavra “*chola*” um termo pejorativo. Gouvea (2020) afirma que, hoje em dia, o termo “*cholita*” está sendo ressignificado, sendo motivo de orgulho para essas mulheres, tanto por serem quem são, por suas vestimentas e, principalmente, por suas ascendências, fazendo delas símbolo de resistência boliviana.

As roupas típicas das *cholitas* consistem em uma saia rodada que vai até abaixo dos joelhos — chamadas de *pollera* — e xales coloridos. As saias volumosas foram inspiradas nas vestimentas das espanholas do século 18, segundo Gouvea (2020). O cabelo é dividido em duas tranças. Sapatos baixos e chapéu-coco — nas cores preto, marrom e cinza — constituem os acessórios.

A roupa das *cholitas* visualmente pode ser comparada aos trajes das baianas⁴ vendedoras de acarajé, que, como se sabe, têm origens africanas, sendo usadas também nos terreiros de candomblés. Normalmente, utiliza-se branco, mas, nos desfiles de escolas de samba, esses trajes podem ser bem coloridos, levando em conta as cores da escola que a baiana está representando ou de acordo com o enredo da escola. Essa referência também encontramos nos trajes das *cholitas*. Em ocasiões festivas, elas costumam utilizar as cores características do seu país, Bolívia, ou trajarem-se nas cores das divindades que estão festejando.

³ A palavra “*chola*” deriva do quechua e do aymara, idiomas dos povos originários andinos, e significa “mestiço/filho de pais de diferentes etnias”, origem das *cholitas*. Disponível em: <https://exclamacion.com.br/2020/12/05/cholas-bolivianas-quem-sao-essas-mulheres/>.

⁴ Mulher natural ou habitante da Bahia – estado localizado no Nordeste do Brasil. Vestem saias rodadas, anáguas engomadas, colares e pulseiras coloridas e turbantes na cabeça.

Argolo (2019) afirma que “a longevidade do traje tradicional da baiana se deve às suas amplas funções simbólica (ritual), social (representativa de uma classe social) e pragmática (na execução de determinadas atividades cotidianas), preservadas até os dias atuais. A autora frisa ainda que “o traje da baiana rompeu fronteiras geográficas dentro do próprio país” (Argolo, 2019, p. 44). No caso das *cholitas*, elas também sofreram preconceito pelas suas ancestralidades. Mas, hoje, já se tem uma visão mais popular desses trajes e eles são até mesmo reconhecidos como itens de moda, como veremos mais à frente.

Essas mulheres de tradições culturalmente fortes, com seus aspectos visuais marcantes, conseguiram provocar mudança na estética da moda, não somente pelos seus vestuários, mas também pelas suas figuras que, de certa forma, provocaram interferência da intelectualidade nas manifestações populares, ou seja, a sociedade se abrindo ao popular. Notamos isso quando as passarelas de moda usam como referência essas mulheres – as baianas ou as *cholitas*.

De acordo com Garcia e Miranda (2010, p. 82), “o corpo procura divulgar aspectos e características do que somos, do que podemos vir a ser, segundo o que é valorizado diante de determinado grupo social”. Diante disso, pode-se observar que aspectos sociais são determinantes para que, culturalmente, um determinado grupo passe a ser mais ou menos valorizado. Foi o que aconteceu com essas mulheres *cholas*. A partir do governo de Evo Morales – um homem de descendência indígena, eleito presidente da Bolívia –, elas passaram a ser vistas como valor cultural, sendo até mesmo referência de moda e beleza.

Matharu (2011, p. 6) salienta que “consciente ou inconscientemente, a moda e o vestuário desempenham papéis importantes na nossa vida diária”. A autora descreve “vestuário” como “algo que cobre e protege o corpo”, cuja função prevalece sobre o estilo e a forma estética, em que as “cores, tecidos e detalhes raramente mudam”. No caso das bolivianas, elas usam os trajes tradicionais, mas montam a sua estética. Misturam itens tradicionais com outros elementos, porque já estão morando no Brasil e estão inseridas na cultura brasileira. Dessa forma, elas se apropriam de certos elementos da moda brasileira para compor o seu visual e também estarem na moda.

Nota-se essa mistura num simples passeio nos fins de semana nos eventos da

Praça Kantuta⁵. Embora no seu dia a dia as jovens menos tradicionais usem roupas comuns, influenciadas pela cultura local, elas fazem questão de misturá-las com itens da cultura andina, como usar tranças nos cabelos, por exemplo. Nesse aspecto, existe um desejo de mostrar nacionalidade, mas elas também montam a sua estética, apropriando-se dos elementos da cultura local para que, dessa forma, tenham esse sentimento de pertencimento à cidade de São Paulo, sem deixar de levar consigo os elementos da sua cultura, da sua identidade e do seu pertencimento social. Elas querem mostrar que estão inseridas na cultura paulistana, mas não desejam esquecer suas origens.

Garcia e Miranda (2010, p. 67) alegam que o comportamento é aprendido: “Ao crescer em uma determinada sociedade, o sujeito absorve seus valores, percepções e comportamentos básicos”. Embora essas jovens estejam cada dia mais “abrasileiradas”, não é raro vermos detalhes que as identificam com a sua cultura, sejam os acessórios típicos, os panos coloridos amarrados às costas para sustentar seus bebês, os chapéus e cabelos trançados, ou mesmo suas roupas bem coloridas – que para um observador comum podem parecer sem nenhuma preocupação em combinar as cores, mas que para elas estão em total harmonia, pois existe um padrão próprio da cultura boliviana, das mulheres tradicionais, mestiças, que é totalmente diferente da cultura brasileira: elas não abrem mão da sua cultura, mas também querem fazer parte do Brasil.

Isso se chama mestiçagem, mestiçagem boliviana, pois o povo mestiço é também mestiço na forma de se expressar, de se vestir, e essa mestiçagem também é evidenciada na comida, quando eles consomem seus pratos tradicionais com um refrigerante americano, uma Coca-Cola por exemplo, ou quando eles tomam seu tradicional *mocochinchi* com um prato brasileiro, como uma feijoada.

Para Amálio Pinheiro (2017), a “mestiçagem não é apenas cruzamento de raças, mas interação entre objetos, formas e imagens da cultura” (Pinheiro, 2017). Nota-se que existe um tradicionalismo, mas também existe um vetor de mudança. Moda é isso, é repetir o que usualmente está em evidência, mas permitindo-se incluir aquilo que nos agrada. Elas não querem renunciar à sua cultura, mas também querem fazer parte do Brasil, por isso, essa mescla de tradicional com o usual, do contemporâneo

⁵ A Praça Kantuta foi escolhida para abrigar a feira da comunidade boliviana por estar situada próximo aos locais de trabalho e de maior residência dessa comunidade. O nome Kantuta, que faz referência à flor dos alpes andinos, foi dado à praça devido à grande presença da comunidade andina (notadamente boliviana).

com o moderno.

Pinheiro (2017) diz ainda que a mestiçagem vem de baixo, dos poros, das plantas dos pés e dos escaninhos da cultura e que ela se forma e se expressa, portanto, aquém das lógicas binárias das identidades e das oposições. Assim, essa mestiçagem faz com que elas não se sintam totalmente bolivianas, no entanto, também não se sentem totalmente brasileiras, por isso precisam construir seu espaço, seu território, e esse território que elas irão construir é a Praça Kantuta.

Podemos notar explicitamente essa mistura em todos os elementos dispostos na Feira da Praça Kantuta⁶, principalmente no vestuário. A mestiçagem se dá não apenas pelo modo como estão vestidas, mas também em virtude de como se portam no tocante ao uso dos elementos com que constituem sua aparência.

AS ROUPAS DAS CHOLITAS

Para Matharu (2011, p. 8), a roupa também pode associar quem a veste “a um grupo específico com ideias, gostos, origens, cultura e religiões semelhantes”. Assim, quando observamos mulheres com essas vestimentas aos domingos, nas ruas centrais do Pari e do Brás, podemos identificá-las prontamente como oriundas da Bolívia ou com descendência boliviana, e que irão a algum evento importante para elas.

As mulheres mais tradicionais, de ascendência indígena e mestiça, que são chamadas de *cholas* ou *cholitas*, vestem-se com suas roupas típicas, com seus chapéus e mantas adornados por prata, ouro ou pedras (dependendo da classe social), além de brincos e anéis. Essa é a vestimenta da típica mulher boliviana para um evento cultural importante na Praça Kantuta.

Beatriz Gouvêa (2020), no portal *Exclamación*, afirma que a palavra “*chola*” deriva do *quéchua* e do *aymara*, idiomas dos povos originários andinos, e significa “mestiço/filho de pais de diferentes etnias”. Por muito anos, essas mulheres foram discriminadas, mas, como mencionado anteriormente, ganharam dignidade durante o governo de Evo Morales, porque se viram valorizadas. Quando um homem indígena

⁶ A Feira Kantuta começou em 2001, na Praça Padre Bento, com o intuito de gerar renda e promover a cultura e valorizar a tradição boliviana. No entanto, devido ao aumento de frequentadores, surgiram muito problemas, principalmente de ordem preconceituosa, por isso, após um ano, em 2002, a feira foi transferida para a Praça Kantuta, onde está até hoje (Camacho, 2022).

chegou ao posto mais alto, à presidência daquele país, trouxe consigo a esperança de milhões de bolivianos indígenas, população mais segregada econômica e socialmente. Essa população se viu ascendendo ao poder junto com um presidente de origem indígena, ou seja, junto com um dos seus filhos.

Nota-se que o presidente Evo Morales fez questão de mostrar essa valorização, seja nas suas falas, na sua postura e, principalmente, nas suas roupas. Ele vestia usualmente casacos com bordados indígenas na lapela e nas mangas, calças que combinavam com os casacos – característica de todo o seu traje. Então, quando usava essa vestimenta, ele resgatava o orgulho desse povo e, subsequentemente, valorizava a si mesmo.

Ainda de acordo com Gouvêa (2020), “Uma das principais razões para o preconceito contra as *cholitas* ter diminuído na Bolívia foi porque o ex-presidente, Evo Morales, decretou, em 2011, a lei “Contra o racismo e toda forma de discriminação”. Isso, sem dúvida, favoreceu a inclusão das *cholas* em espaços públicos e permitiu que elas pudessem ser vistas como mulheres que valorizam a cultura do país e, por essa representatividade, passassem a ditar a moda no país.

Entender a moda – roupa e modo de vestir – como objeto da vida social, capaz de estabelecer conexões e interpretar um indivíduo ou um grupo é aceitar seu papel como linguagem, que, independentemente do período histórico ou da sociedade investigada, é capaz de dar significado ao seu contexto e discurso. Isso posto, cabe dizer que, diante da rede plural e intrincada de linguagem a qual estamos expostos, é na roupa que se encontra a forma mais rápida e acessível de expressão e simbolismo. (Souza; Rabello; Auriani, 2016, p. 225).

Esse sentimento de representatividade é importante para que essa comunidade se identifique e se sinta representada, alimentando seu bem-estar, aumentando sua autoestima e consolidando seu pertencimento.

Assim, o fato de o presidente do país usar a camisa ou o casaco tradicional com bordados andinos equivale, para as mulheres indígenas, a estar usando o traje das *cholitas*, cheias de tradição e de valores. Tal ação faz com que essas mulheres sintam orgulho de pertencerem a essa cultura e, por isso, comecem a ditar a moda no seu país, não mais sendo vistas apenas como camponesas, mas como mulheres fortes e com valores culturais que despertam o orgulho nacionalista.

Segundo Garcia e Miranda (2010, p. 120), “os europeus ditavam a moda, mas as influências asiáticas e nativas também geravam produtos excepcionais”. Podemos notar isso em um simples passeio na Feira Kantuta: verificamos a qualidade dos ponchos estendidos nas barracas (figura 1), bem como diversos pedaços de tecidos coloridos que podem ser utilizados para distintos fins, além de muitas jovens, adolescentes e senhoras usando suas roupas tradicionais, mas com alguns itens mais conservadores e oriundos da cultura andina, como um poncho ou apenas uma saia mais rodada.

Figura 1 - Barracas de venda de tecidos e roupas típicas (ponchos e *pantallones*) vindos da Bolívia



Foto: Alvanise R. Silva do Amaral.

Os vestuários das *cholitas* também foram referenciados nas passarelas. Um exemplo é o desfile de moda que aconteceu em La Paz, nomeado de “*La Chola Paceña, Tradición Nuestra*”, que aconteceu em 2009, em que modelos *aymaras* subiram ao palco com suas roupas tradicionais, com alguns ajustes modernos para o desfile (Gouvêa, 2020).

Ao andar pelas barracas da feira na Praça Kantuta, notamos esse orgulho. Claro

que não vemos as *polleras* (saías) das *cholitas*, que são referência na moda *paseña* (notada pelo excesso de saías), expostas para a venda nas barracas, mesmo porque o Brasil é um país tropical, e a feira é também aberta ao público em geral. Mas notamos a referência a elas nas roupas expostas, nos tecidos, nas cores e, principalmente, nas bonequinhas *cholitas* – como decoração e brinquedo –, também nos tecidos mais coloridos e alegres ou com tons terrosos, igualmente tradicionais.

Essa referência de moda, conforme nos informa Tiago Gomes⁷, foi inspirada na moda europeia. As roupas mais quentes e os sombreiros (os chapéus) das *cholitas* são provenientes de uma roupa espanhola. O povo boliviano se inspirou nas espanholas que iam visitar a Bolívia. A manta, que é uma vestimenta muito cara, é também inspirada na colonização espanhola.

Dessa forma, na Feira Kantuta, as bolivianas querem mostrar aos visitantes que os produtos lá expostos têm referências, têm valor cultural, e que o povo boliviano pode ser referência de moda e design para o mundo.

A MODA DAS BOLIVIANAS NO ESPAÇO NA FEIRA KANTUTA

Se andarmos um pouco mais nos arredores da Praça Kantuta, veremos muitas jovens usando saías rodadas, com menos volumes e mais curtas. Se questionarmos sua origem, geralmente dirão que vieram de Cochabamba, uma cidade mais quente, com clima parecido com o de São Paulo. Outro fator importante é que a roupa da cidade é diferente da roupa do imigrante que veio do campo da Bolívia. Por isso, é comum notarmos senhoras, principalmente falando *aymará* ou *quéchua*, com roupas mais pesadas, saías mais rodadas e mais longas (figura 2). Já as mais jovens usam roupas mais leves, saías mais curtas, pois provavelmente vieram da cidade, afirma Rosana Camacho⁸ (2022).

⁷ Tiago Gomes é um jovem brasileiro que trabalha como voluntário há oito anos na barraca da Dona Rosário, presidente da Feira Kantuta, e quem ela nomeou para nos dar as informações necessárias sobre a cultura boliviana.

⁸ Atualmente, a Sra. Rosana Camacho é presidente da Associação de Residentes Bolivianos (ADRB) e está no seu segundo mandato.

Figura 2 –Mulheres bolivianas, cujos *looks* são compostos por elementos de sua cultura, conversam na Praça Kantuta durante a feira de domingo.



Foto: Alvanise R. Silva do Amaral.

Ainda de acordo com Camacho (2022), que se define como uma típica filha de bolivianos e que aprecia e divulga a cultura andina, a vestimenta com saias mais volumosas, chapéus pequenos e blusões mais coloridos, é utilizada principalmente em ocasiões especiais, como casamentos, batizados, eventos sociais como festividades, entre outras ocasiões importantes. Ela ressalta que uma vestimenta completa das *cholitas*, utilizada aqui no Brasil, quando importada e bordada na Bolívia, custa em torno de 400 dólares para ser trazida de lá para cá, o que equivale a cerca de 2.770,00

pesos bolivianos⁹ (moeda do país).

Por isso, pode-se dizer que é um item de muito valor, não somente pela questão material, mas por tudo que representa àquele povo – um importante meio de afirmação cultural e manutenção da cultura de origem destas imigrantes, que fazem questão de usá-lo aqui, na cidade de São Paulo, principalmente em datas festivas. Quando não conseguem o *look* completo, pelo menos utilizam a saia e um lenço para se identificar com algum elemento da cultura andina.

Segundo Camacho (2022), embora algumas *cholitas* mais tradicionais usem essa vestimenta no seu dia a dia, aqui no Brasil isso não é tão comum devido ao clima ser mais quente, principalmente por causa da quantidade de saias (que elas chamam de *pollera*) que as mulheres usam para compor todo o *look*, tornando-o, assim, desconfortável para uso informal, sem ser uma ocasião social.

No entanto, quando elas usam, além de estarem na moda, ainda ressaltam a cultura do seu país, pois “assim como a arte, a moda também retrata a cultura, a sociedade e condição humana... tornou-se tão poderosa (ou ainda mais que) a arte” (Matharu, 2011, p. 15). Então, quando essas mulheres usam suas vestimentas típicas, com suas saias e chapéus ornamentados, elas mostram que valorizam sua cultura e, por isso, podemos dizer que estão socialmente na moda.

“Moda é processo muito complexo que opera em vários níveis. Em um extremo, está o macro, fenômeno social que afeta muitas pessoas simultaneamente. Do outro lado, ela exerce efeito muito pessoal no comportamento individual” (Solomon, 1996, p. 563). Garcia e Miranda (2010) relatam que as mudanças provocadas pela moda, diferentemente do que alguns estudiosos afirmam ser arbitrárias e extravagantes, são, em verdade, um sinal externo e visível de profundas alterações sociais e culturais. É o caso das *cholitas* bolivianas: antes, motivo de discriminação; hoje, sinal de orgulho, de estar na moda.

De acordo com Gouvêa (2020), se no início as vestimentas das *cholitas* eram motivo de preconceito, atualmente elas servem como referência de moda dentro e fora da Bolívia. Ela cita o caso de uma designer de moda boliviana, de origem *aymara*, Eliana Paco, que já desenhou uma coleção de roupas inspiradas nas *cholas* e apresentou

⁹ 1 USD = 6,9223 BOB, conforme cotação do dia 10 out. 2023.

seus modelos em um desfile em Nova York, Estados Unidos, nomeando sua coleção de *Pachamama* – Mãe Terra, no idioma dos indígenas.

As roupas das *cholitas* também foram referenciados em um desfile de moda que aconteceu em La Paz no ano de 2009, nomeado de *La Chola Paceña*, em que modelos *aymaras* subiram ao palco com suas roupas tradicionais, com alguns ajustes modernos para o desfile naquela ocasião.

Figura 3 - Mulheres bolivianas com seus trajes típicos (*cholitas*) em um evento na Praça Kantuta, antes de uma apresentação típica



Foto: Alvanise Rodrigues S. do Amaral.

Garcia e Miranda (2010, p. 27) afirmam que “o modo de vestir como símbolo social, modifica-se em função das alterações da estrutura e do estado geral da

sociedade; mas compreender escolhas pessoais diante do guarda-roupa não é tarefa fácil”. As autoras ressaltam ainda que, devido à complexidade dos seres humanos, seus comportamentos são baseados nos valores e atitudes que estão profundamente arraigados neles, tanto pela ideia que eles têm de si mesmos como o que eles desejam fazer com o que os outros pensem deles – racionalidade e bom senso, bem como caprichos e impulsos (Garcia; Miranda, 2010, p. 28).

Nesse sentido, ao vestirem a roupa típica do seu país, ou simplesmente usarem as cores que as identificam como originárias da Bolívia, essas mulheres se sentem na moda, valorizando sua cultura. Ainda que para um espectador comum ou um estrangeiro (já que no território boliviano – Feira da Praça Kantuta – os brasileiros é que são os estrangeiros) seja apenas uma mistura de cores, já que elas apreciam e culturalmente se vestem de modo muito colorido e sem a preocupação de combinar os tons. Na referência das mulheres bolivianas, suas vestimentas combinam, porque elas têm um padrão em mente e sabem qual é esse padrão.

Vale notar que essa mistura é bem diversificada. No entanto, a referência das padronagens geométricas, típicas da cultura boliviana, está sempre presente, para cultivar a ancestralidade andina. Essa padronização de cores é notada em toda a Feira Kantuta, seja nas roupas das mulheres, nas toalhas de mesa, nos cartazes das barracas, tornando, assim, o espaço da Praça Kantuta um território boliviano.

Contudo, nada mostra mais essa ancestralidade, essa referência, que as vestimentas usadas nas danças folclóricas apresentadas nos eventos festivos da cidade de São Paulo. As cores fortes e os brilhos são uma referência para essa comunidade, que demonstra todo o seu orgulho por estar usando as indumentárias da cultura do seu país.

As vestimentas das danças típicas são unicamente para representação, com exceção da dança *salay*, para a qual são usadas saias mais curtas, por causa do clima quente. Notamos que várias jovens usam saias iguais na Feira Kantuta, pois o clima de Cochabamba, de onde se origina a dança, é muito parecida com o clima de São Paulo. Nas demais danças, as influências são notadas nas cores e não nos modelos das vestimentas usadas, por serem elementos mais pesados e com fortes tradições culturais.

Como cada dança tem um contexto histórico, por ser de uma região específica, os bolivianos não só querem representar a dança, mas também todo o contexto histórico

que a dança daquela região representa, afirma Tiago Gomes, citando, como exemplo, a dança *tinku*, da região de Potosi, uma dança de luta na qual eles lutam pelo encontro ou noivado de alguém. De tradição inca, a dança *tinku* tem muitos elementos de destaque nas roupas utilizadas por seus componentes.

Nas apresentações na Praça Kantuta, é possível notar nitidamente o quanto os bolivianos são orgulhosos dessas danças, como disse uma jovem boliviana que participa do grupo da Praça Kantuta (J. N.)¹⁰. Ela comentou que se sente muito feliz por divulgar sua cultura por meio da dança e também da roupa que veste; ela sabe que está linda, que a roupa é linda, que as cores também mostram o orgulho que eles sentem de serem bolivianos e que, mesmo morando em São Paulo, conseguem manifestar e divulgar as suas origens.

Figura 4 – Jovens bolivianas se preparando para uma apresentação de dança típica na Praça Kantuta (26/09/2021)



Foto: Alvanise R. Silva do Amaral.

¹⁰ Apenas as iniciais da entrevistada foram utilizadas, para preservar a sua identidade.

Todo esse sentimento de pertencer à cultura boliviana, de estar na moda, faz com que muitos participantes dos grupos de danças que se apresentam nos eventos festivos importem sua roupa da Bolívia, não importando o sacrifício financeiro a ser feito por eles, já que uma vestimenta completa para uma apresentação pode custar em torno de 1.800 reais.

Para o imigrante boliviano, ostentar essa vestimenta vale a pena. Segundo relatado por G. C.¹¹, é nesse momento que ela se sente importante, que ela mostra aos brasileiros a força e determinação do seu povo, além de se mostrar para os seus patrícios.

Portanto, essa manifestação artística faz com que tal sentimento de pertencimento seja mais forte, gerando nos espectadores, que também são bolivianos, o sentimento de amabilidade, de querer venerar essa cultura, de prestigiar e querer fazer parte dessas danças folclóricas, seja como dançarino, seja como expectador. O importante é manter essas danças folclóricas cada dia mais enraizadas na memória coletiva, pois, para elas, o importante é estar na moda.

Por fim, Araujo (2022) afirma que a moda hoje não é sobre roupas, é sobre pessoas. Assim, quando as imigrantes bolivianas veem os tecidos andinos expostos e diversas pessoas comprando-os e querendo vesti-los, elas se sentem na moda, valorizadas, despertando o sentimento de amabilidade urbana, de pertencimento e de identidade social. Na cidade de São Paulo, as bolivianas podem demonstrar essa identidade no local com o qual se identificam: a praça Kantuta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vestuário das mulheres bolivianas que vivem em São Paulo representa um importante símbolo de identidade e pertencimento social. Muitas dessas mulheres mantêm o uso de trajes típicos bolivianos. É o caso das *cholitas*, com suas "polleras" (saías volumosas), blusas bordadas, mantas coloridas e chapéus distintivos, atuando como uma forma de preservar suas raízes culturais e reafirmar sua identidade em um contexto migratório.

O uso dessas roupas tradicionais serve não apenas como uma ligação com suas

¹¹ Apenas as iniciais da entrevistada foram utilizadas, para preservar a sua identidade.

origens, mas também como uma expressão de resistência cultural e orgulho étnico. Em meio à diversidade da metrópole paulistana, tais vestimentas se destacam e ajudam a manter vivas as tradições bolivianas, funcionando como um elo com suas comunidades de origem.

Além disso, essas roupas desempenham um papel social importante, ajudando a reforçar os laços comunitários entre os imigrantes bolivianos. Em eventos culturais, principalmente apresentados na feira boliviana – a Feira Kantuta –, onde elas fazem as suas festas tradicionais e celebrações religiosas, o uso das vestimentas típicas é um elemento central que une a comunidade e promove a solidariedade entre seus membros.

Entretanto, a manutenção dessa prática também enfrenta desafios. A adaptação ao novo ambiente urbano e as exigências do mercado de trabalho podem levar algumas mulheres a adotarem vestimentas mais comuns no contexto brasileiro, especialmente em atividades que exigem praticidade e discrição. Por isso, não é comum ver mulheres com trajes típicos em locais de trabalho, como nas feiras livres, porque essas vestimentas são para ocasiões especiais, nas quais elas são as estrelas. Nesses ambientes, elas não são apenas imigrantes que estão em uma condição desfavorável; ali, naquele espaço, essas mulheres são especiais, elas querem ser vistas como estrelas, querem mostrar representatividade e orgulho, tanto de pertencer a essa cultura como também de fazer parte do espaço boliviano na cidade de São Paulo.

A Feira Kantuta serve como um espaço onde a comunidade boliviana pode se reunir, fortalecer seus laços e celebrar sua cultura. A presença constante e visível dos produtos bolivianos na feira é uma afirmação de que a comunidade boliviana tem um lugar importante em São Paulo. Isso não só reforça a identidade dos imigrantes, mas também aumenta a visibilidade e o reconhecimento da comunidade boliviana dentro da sociedade paulistana.

É um ato de resistência cultural e orgulho quando essas mulheres expõem seus produtos na Feira Kantuta e quando elas usam suas roupas típicas ou alguns elementos de sua cultura, pois elas querem mostrar que estão na moda e estão divulgando sua cultura. Em um contexto de migração e adaptação, manter e promover suas tradições culturais é uma forma de resistir à assimilação e à perda de identidade. É um modo de mostrar que, mesmo longe de sua terra natal, essas mulheres bolivianas preservam e valorizam suas raízes, sua cultura, seu amor por seu país.

Assim, ao expor seus produtos na Feira Kantuta, os bolivianos em São Paulo demonstram sua representatividade e a riqueza de suas referências culturais. Eles criam um espaço onde sua identidade pode ser celebrada e apreciada, ao mesmo tempo em que contribuem para o multiculturalismo da cidade, tornando esse espaço – a Feira Kantura – um símbolo poderoso de pertencimento, resistência e orgulho, que fortalece a comunidade e promove o intercâmbio cultural.

Sendo assim, as vestimentas das mulheres bolivianas na Feira Kantuta são mais do que apenas roupas; são símbolos poderosos de identidade, resistência e pertencimento, que fortalecem a comunidade e mantêm vivas as tradições culturais bolivianas em solo paulistano.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Alvanise Rodrigues Silva do; GARCIA, Maria Carolina. Moda, futebol e identidade visual: Imigrantes bolivianas em São Paulo. *In*: RABELLO, Leila; AURIANI, Marcia (Org.). **Gestão em economia criativa**. São Paulo: Belas Artes, 2022.
- ARAUJO, Jackson; PREDABON, Luca. **Economia afetiva: o novo inteiro**. Blumenau: Fundação Hermann Hering, 2022.
- ARGOLO; Isabel Catarina Suzart. A cor do traje da baiana e suas leituras contemporâneas. **Moda Palavra**, Florianópolis, v. 12, n. 26, p. 37-67, out./dez. 2019.
- CAMACHO, Rosana Rufino. **A cultura e o folclore boliviano**. Entrevista concedida a Alvanise Rodrigues Silva do Amaral. São Paulo, 16 jun. 2022.
- GARCIA, Carol. **Imagens Errantes: ambiguidade, resistência e cultura de moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. **Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos**. 2. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2010.
- GOMES, Tiago. Entrevista concedida a Alvanise Rodrigues Silva do Amaral. São Paulo, 12 fev. 2023.
- GOUVÊA, Beatriz. Cholas bolivianas: quem são essas mulheres? **Exclamación**, 2020. Disponível em: <https://exclamacion.com.br/2020/12/05/cholas-bolivianas-quem-sao-essas-mulheres/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MATHARU, Gurmit. **O que é design de moda?** Porto Alegre: Bookman, 2011.

PINHEIRO, Amálio. **A condição mestiça.** Disponível em: <http://escritablog.blogspot.com/2019/03/a-condicao-mestica-amalio-pinheiro.html>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SEMPRINI, Andrea. **A marca pós-moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea.** São Paulo: Estação das Letras, 2006.

SOLOMON, Michael. **Consumer behavior:** buying, having, and being. 3 ed. Massachusetts: Prentice-Hall, 1996.

SOUZA, Jo; RABELLO, Leila; AURIANI, Marcia. **Comunicação e cultura de moda, imagem e estilo.** São Paulo: Reflexão, 2016 (Série Economia Criativa).